

GUEDES, P. C. Texto e escrita na escola e na universidade: uma entrevista com Paulo Coimbra Guedes. *ReVEL*, v. 21, n. 40, 2023. [www.revel.inf.br].

TEXTO E ESCRITA NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE: UMA ENTREVISTA COM PAULO COIMBRA GUEDES

Paulo Coimbra Guedes¹

REVEL – O senhor é reconhecido por ser o professor criador das disciplinas que tratam do texto na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Como foi seu encontro com a escrita e como concebeu o método que orienta seu ensino?

PAULO COIMBRA GUEDES – Antes mesmo de aprender a ler, quando minha mãe, meu pai e minha avó se revezavam lendo *O Sítio do Picapau Amarelo* pra mim, eu já queria escrever e conhecia as letras pelo nome. Eu perguntava pelas letras com que se escrevia alguma coisa e ia dedilhando elas numa máquina de escrever portátil que tinha lá em casa. Isso foi ainda nos anos 40 (eu nasci em 1942).

Depois que aprendi a ler, em 1950, pelo método de contos, com o *Livro da Lili*, sem beabá, passei a ler muito, desde histórias em quadrinhos até *Casa Grande e Senzala*, mais ou menos aos dez anos, o que me vacinou contra qualquer tipo de racismo. No fim do Primário, passei no Exame de Admissão ao Ginásio no Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Rio Grande do Sul, quer dizer, pertencço à UFRGS desde os doze anos de idade. E isso quer dizer, entre outras coisas, que eu nunca tive um professor de Português gramatiquero. Todos eles liam para nós e nos botavam a ler.

Tive também um decisivo professor de Literatura – Carlos Jorge Appel – que nos fez ler Camões, Machado de Assis, Euclides da Cunha, e uns caras que estavam começando a publicar, como Dalton Trevisan, José J. Veiga, João Antônio, sem dar muita atenção pra Alencar, Macedo e Gonçalves Dias. Escrever, aprender a escrever e não a profissão de professor – foi o que me levou para o Curso de Letras. Os professores que eu encontrei lá

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

achavam que isso – ensinar a escrever – não era sequer concebível. O jeito de escrever vem junto ou não vem, era o que eles diziam.

Nós, os alunos da Faculdade de Filosofia que escreviam, trocávamos textos entre nós e nos comentávamos. Nem sempre isso era muito didático: muitos anos depois, no bar do Antônio, um colega professor do IFCH, meu contemporâneo de graduação, me cobrou no bar: *tu sabe que eu desisti de ser poeta por tua causa*. Eu tenho certeza de que eu não disse algo como *larga disso, que tu não tem jeito*. Eu nunca disse isso pra ninguém.

Em 1972, fui chamado para compor a equipe que ia ensinar todos os alunos que ingressavam na rebatizada Universidade Federal do Rio Grande do Sul a escreverem redações técnicas, guiados pela bibliografia americana a respeito disso, e nos botamos a fazer isso, repetindo em cada aula o que tínhamos aprendido nas nossas leituras da véspera. Isso durou pouco, mas foi a porta de entrada da minha geração na docência na UFRGS. Entramos como horistas, passamos a celetistas e, em 1981, fomos efetivados por causa de uma greve nacional.

Dois anos depois, me mandaram dar aula de Redação jornalística no Curso de Jornalismo. Sei lá qual foi o santo protetor que me inspirou a sensatez de proclamar, na primeira aula, que eu ia – inquirido pelos alunos a respeito do jornal em que eu trabalhava – ensinar coisa mais importante do que aquela coisa simplória chamada pirâmide invertida, e mandei escreverem ali mesmo na aula um texto não lembro bem sobre o quê, e eles escreveram e me entregaram. Levei pra casa e me botei a ler e a escrever bilhetes dizendo o que eu achava do que eles tinham escrito. E passei os dez anos seguintes fazendo isso e dando aula sobre o que eu achava a respeito do que eles escreviam, tentando descobrir quais seriam as coisas mais importantes que ia eu ensinar pra eles.

Em 1981, me chamaram no Curso de Letras pra inaugurar as recém-criadas disciplinas eletivas Composição em Língua Portuguesa I, II, III e IV. A finalidade proposta para essas disciplinas era a de amparar os alunos que tinham dificuldades para escrever, mas foram os que escreviam e gostavam de escrever que se matricularam. Como eram quatro disciplinas, era necessário pensar no que se ensinava antes e o que haveria para ensinar depois.

O óbvio era o trio narração-descrição-dissertação, que respondiam pelo nome de gêneros. Era óbvio também que primeiro se conta uma história, depois se enfeita uma história com descrições de personagens, de ambientes, de paisagens e que depois de tudo isso, se discute abstrações, que seriam mais próprias da dissertação, isto é, dos artigos, ensaios, teses. Então, vamos narrar em Composição II, descrever em Composição III, dissertar em Composição IV.

Como introdução, na Composição I inventei um conjunto de temas ordenados numa dimensão que vai do que está mais perto ao que está mais longe: escrever uma apresentação pessoal, fazer um relato do próprio cotidiano, narrar uma emoção forte que teve, descrever uma pessoa, descrever um processo, descrever um tipo de pessoa, definir uma palavra, um conceito, classificar um determinado conjunto, definir alguma palavra. Aí estavam narrar descrever e dissertar.

REVEL – Os textos escritos segundo sua proposta seguem uma lista de doze títulos, obedecendo os três tipos textuais (narração, descrição e dissertação). Qual a razão de não trabalhar os gêneros textuais?

PAULO COIMBRA GUEDES – Escrevi um artigo(?), ensaio(?) uma diatribe(?) a respeito disso, que está publicado no *e-book* do Celsul de 2014 com o título de *Pedagógica é a esfera; o gênero é pura decoreba*, que analisa um texto produzido por um aluno meu do Curso de Jornalismo, escrito para fazer o exercício de produzir uma classificação, que examina os textos produzidos até então na disciplina Comunicação em Língua portuguesa III, do Curso de Comunicação. O que ele mostra é que esses textos se referem todos ao que já vinha sendo escrito naquelas disciplinas desde pelo menos o semestre anterior, ou seja, a turma toda já tinha constituído aquilo que Bakhtin chama de *esfera de comunicação*.

Se a linguagem é dialógica, é o diálogo que produz comunicação e não as minuciosas pretensas características dos gêneros, escolasticamente esmiuçadas. Isso tem tudo a ver com a prática de ler textos em aula em voz alta e discutir os textos lidos. Os textos escritos depois tomam como assunto essas leituras e esses comentários, ou seja, são obrigatoriamente textos e não redações escolares. Já a burocracia da descrição das características e das particularidades dos potencialmente infinitos gêneros de discurso leva, na melhor das hipóteses, ao esmero formalista.

REVEL – As qualidades discursivas são o pilar da escrita nas aulas de texto. O senhor poderia nos falar sobre elas?

PAULO COIMBRA GUEDES – As qualidades discursivas foram concebidas a partir da definição de *redação escolar* formulada por Alcir Pécora, em *Problemas de redação*, para descrever as redações de vestibular que examinou na sua dissertação de mestrado. A minha pergunta era

mais ou menos esta: o que é necessário para transformar um simulacro de texto, como, por exemplo, uma redação de vestibular em texto? Então, pra começar, o texto precisa tratar de uma coisa; não pode falar nem de tudo nem de nada: precisa tratar de um, apenas um assunto: daí a *unidade temática*. Esse assunto precisa ser mostrado ao leitor, exposto, disposto diante dele, retirado de dentro da subjetividade de quem escreve; daí a *objetividade*. Além disso, o leitor precisa ser informado a respeito do interesse, da importância que esse assunto tem para ele, por que motivo ele deve ficar sabendo alguma coisa a respeito disso; daí o *questionamento* que o autor faz a respeito dele. Além disso, o que o autor vai dizer a respeito desse assunto deve acessível ao leitor, deve estar exposto diante dos seus sentidos, de tal modo que o leitor possa entender tudo isso; daí a *concretude*.

Na minha experiência, eu acho que isso funcionou até mesmo para os alunos que diziam que não entendiam muito bem o que era tudo isso ou o que era uma ou outra dessas *qualidades*, que foram assim designadas por inspiração de *Zen e a arte da manutenção de motocicletas*, romance de Robert Pirsig, que conta a história de um professor de escrita.

Nos meus comentários nos textos dos alunos, eu procurava mostrar onde e como isso faltava e dar sugestões de como tais qualidades poderiam ser encaminhadas. Além disso, fui coletando entre esses textos aqueles que podiam exemplificar essas faltas e os que podiam exemplificá-las. Com esse material, escrevi *Da redação à produção textual* (São Paulo: Parábola Editorial, 2009).

Faz muito tempo que eu não dou aulas disso e não tenho como avaliar de que modo a proliferação da prática da escrita incentivada e possibilitada pelos aparelhos e canais de manifestação escrita já atalharam esse caminho.

REVEL – A leitura em voz alta e a reescrita dos textos são parte importante nas aulas. Qual a importância desse momento para o aprendizado da escrita?

PAULO COIMBRA GUEDES – O mais importante das aulas é que foram elas, a sequência delas, a continuidade delas que inventaram essa leitura dos textos em aula. Explico: numa discussão a respeito de um comentário meu no texto de um aluno, acabamos por ler o trecho do texto para esclarecer aquele comentário. Alguém sugeriu que o todo o texto fosse lido pra que se entendesse melhor essa discussão. Na sequência, um outro aluno perguntou se podia ler o seu texto, que foi, a seguir, comentado pela turma. Desse dia em diante, decretamos que todos os textos seriam lidos.

Isso só aconteceu assim porque, até então, muita gente não queria que seus textos fossem lidos por ninguém mais do que o professor. O que eu fiz, então, para tornar obrigatória a leitura em aula em voz alta foi dizer que se alguém achasse que o seu texto continha declarações que não fossem passíveis de leitura pública, que, então, escrevessem outro texto, um que pudesse ser lido publicamente. Diante da perspectiva de empreender essa outra tarefa, todos os textos passaram a ser considerados próprios para essa leitura pública.

REVEL – O senhor poderia indicar para nossos leitores alguns livros e artigos (clássicos e recentes) sobre o tema?

PAULO COIMBRA GUEDES – Como já disse, não tenho trabalhado com isso. Numa disciplina da Pós-graduação, fizemos um seminário sobre o livro de Steven Pinker, *Guia de escrita* (São Paulo: Contexto, 2016). Está dentro da tradição americana, mas esmiuça o texto, o próprio encadeamento das frases e a relação de cada uma com as outras.